

Festival Política

25 A 28 ABRIL 2019 CINEMA SÃO JORGE



Abril em Lisboa



© The Abduction of Europa, Jean-François de Troy - Wikimedia Commons

Europa. É este o tema da terceira edição do Festival Política. Em ano de eleições europeias, preparamos um programa com cinema, debates, talks, performances, exposições, concertos e atividades para crianças dedicado ao que une e separa os povos e governos do continente europeu. Todas as atividades são de acesso gratuito.

O julgamento de Oleg Sentsov

“The Trial: The State of Russia vs Oleg Sentsov” é o primeiro filme a ser exibido. A história do realizador e escritor ucraniano Oleg Sentsov condenado a 20 anos de prisão na Sibéria que, em dezembro passado, foi distinguido com o Prémio Sakharov. → p. 2

Isto só neste país

Há apenas dois povos do espaço geográfico europeu que se referem à Europa excluindo-se: os ingleses e os portugueses. Hugo van der Ding promete explicar esta teoria e ensinar uma receita holandesa de bacalhau à Brás. → p. 2

Guia para acompanhar o Política

Os realizadores, os artistas, os agitadores, a língua gestual, as atividades que necessitam inscrição prévia e os momentos para o público infantil. Um guia para não se perder na terceira edição do Festival Política. → p. 8

Que Europa?

“A casa Europa está a arder”, a opinião é do filósofo francês Bernard-Henri Lévy, e o Festival Política pretende contribuir para não deixar alastrar esse fogo. A atual maré populista, xenófoba e hostil às liberdades e direitos fundamentais que invade vários países europeus ostenta a necessidade de reinvenção da União Europeia e de reforço dos valores humanistas e sociais que constituem os seus pilares. O que significa “ser europeu”? Como se combate o fosso existente entre os cidadãos e as instituições europeias? Para onde vai esta Europa com um débil sentido do “nós”? A um mês das eleições europeias, o Festival Política vai ser uma montra e um laboratório do poder da cidadania na reformulação da identidade europeia, contribuindo para tornar inteligível o próximo caminho da UE num mundo inegavelmente multicultural e interdependente. As desigualdades, as crises migratória e económica, os nacionalismos, as liberdades e seus condicionantes e as fake news são alguns dos temas que vão passar pelo Festival Política através da música, cinema, exposições, performances, debates, workshops, talks e visitas guiadas. Será o nosso contributo por uma Europa sem muros – na realidade e nos sonhos que queremos voltar a ter com ela.

BÁRBARA ROSA
RUI OLIVEIRA MARQUES



A história de Oleg Sentsov

O realizador e escritor ucraniano Oleg Sentsov é um opositor declarado da anexação da Crimeia pela Rússia. Em 2014, foi preso pelo Estado russo sob acusação de terrorismo e condenado a 20 anos de prisão na Sibéria.

“The Trial” segue o processo político que foi definido pela Amnistia Internacional como um “juízo-espetáculo cínico”. Durante o julgamento, não houve provas conclusivas que mostrassem que Sentsov esteve envolvido nos crimes pelos quais foi acusado e condenado.

Sentsov está preso há mais de 1700 dias e iniciou uma greve de fome em maio de 2018 para exigir a libertação de todos os presos políticos ucranianos.

Terminou a greve de fome em outubro de 2018 sob a ameaça de alimentação forçada. Atualmente, Sentsov está a trabalhar no seu novo filme a partir da cela da prisão. Aí continua a lutar pelas suas convicções e pela liberdade de seu povo. Muitos grupos de direitos humanos, celebridades do cinema mundial e cineastas pediram a sua libertação.

Em dezembro de 2018, o Parlamento Europeu atribuiu a Oleg Sentsov o Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento, juntando a sua voz e causa aos movimentos já existentes. O Prémio Sakharov presta homenagem e apoia defensores dos direitos humanos em todo o mundo, chamando a atenção para as violações dos direitos humanos. Porque os direitos humanos previnem os erros humanos.

➤ “The Trial: The state of Russia vs Oleg Sentsov”, documentário de Askold Kurov, será exibido dia 26 de abril, às 18h30

Isto só neste país

Hugo Van Der Ding



Da minha vastíssima experiência internacional, conheço apenas dois povos do espaço geográfico europeu que se referem à Europa excluindo-se: os ingleses e os portugueses.

Os primeiros por se acharem claramente superiores a essa gente estranha do continente, que come caracoletas e queijo que cheira mal, que não toma banho, que dá muitos beijinhos, que bebe vinho em vez de gin e que fala umas línguas estranhíssimas.

E os segundos por estarem habituados a imaginar «os europeus» como uns bichos mais ou menos altos, mais ou menos loiros, mais ou menos bêbedos, mais ou menos ricos, mas todos

com uns serviços nacionais de saúde maravilhosos.

Enquanto os primeiros andam doidos a ver se saem, Portugal anda doido a ver se entra finalmente pela porta grande, depois de séculos e séculos virados para o mar.

Portugal já não está na cauda da Europa (porque, graças a Deus, entraram para a União Europeia uma pilha de países ainda mais pobres) mas estará sempre na sua ponta mais Ocidental, assim já atirar para Marrocos. Uma espécie de Amadora de Paris.

Ou será que não?

Agora que temos um secretário-geral da ONU, o jogador de futebol mais famoso do mundo, pastéis de bacalhau com queijo

da serra, rendas de casa de fazer inveja a Chelsea, a Monte Carlo e ao XVI e que até já ganhámos o festival da Eurovisão, qual pode ser o lugar de Portugal na Europa? Bom, qual é que eu acho que deve ser o papel de Portugal na Europa? E qual é que eu acho que não deve ser? É disso que vou falar em «Isto só neste país...». Ah, e também sou capaz de ensinar uma receita holandesa de bacalhau à Brás.

➤ A 26 de abril, exatamente um mês antes das eleições europeias, Hugo van der Ding promete fazer uma viagem pela Europa – e os seus preconceitos.

A era digital desmascarada: da promessa de liberdade à manipulação ideológica

Sérgio Denicoli, investigador da Universidade do Minho e sócio-diretor da AP Exata.



Os factos tornaram-se flexíveis e moldáveis, até ao ponto de perderem protagonismo, em detrimento de realidades inventadas, num universo onde é possível encontrar públicos específicos e enviar-lhes informações customizadas.

Um recente estudo do importante Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) revelou que as fake news têm 70% a mais de chances de serem replicadas pelos internautas do que uma notícia verdadeira. E as notícias falsas sobre política são três vezes mais atraentes do que as que falam de outro tema.

Iludem-se os que pensam que as fake news são compartilhadas por distração, ou porque os internautas não sabem da falta de veracidade delas. As notícias falsas espalham-se porque reforçam a posição de quem acredita no que está ali apresentado.

Entramos na era da mentira, das teorias da conspiração, que influenciam públicos escolhidos e desenhados por algoritmos baseados no comportamento das pessoas.

É esse contexto social, com profundas bases tecnológicas, que tem influenciado o mundo atual. Essa revolução é baseada na comunicação e construída em linguagem binária. É uma guerra retórica onde a capacidade de influenciar pessoas é a arma mais poderosa e que tem sido usada muito longe da ética e muito próxima das pós-verdades. Um tempo que requer uma forte literacia digital, para que possamos vislumbrar um futuro realmente mais livre e menos vigiado.

➤ **“As estratégias digitais como fatores de decisão de voto: ameaça à democracia ou estímulo à participação política?” A resposta será dada por Sérgio Denicoli a 28 de abril, às 16h30**

Quando a World Wide Web surgiu, há 30 anos, possibilitando a expansão da internet, acreditava-se que o meio online seria um grande campo de liberdade e um importante contraponto à mediação social dos veículos de comunicação de massa.

O mundo olhou com bons olhos o aparecimento dos chamados “jornalistas cidadãos”, que não precisavam de intermediários para difundir uma notícia. Pessoas comuns deixaram de ser consumidores passivos de informação e transformaram-se em produtores de conteúdo.

Mas a mudança não foi só ato de reportar algo. A internet viria a colocar em causa muitas áreas que tinham a mediação como norte. Foi assim que houve alterações radicais nos mercados de transporte de passageiros, hotelaria, imóveis, e em tantos outros segmentos.

Ocorreu, portanto, a digitalização da vida e o consequente afastamento do que antes considerávamos liberdade. Formaram-se grandes empresas, como Google, Facebook, Uber, etc., que agregaram uma enorme parcela da população mundial e passaram a monitorizar seus usuários. Usuários esses que foram agrupados em bolhas e viraram presas fáceis, prontas para serem persuadidas a consumir produtos, serviços e ideologias.

Populismo como o mais importante fenómeno político do nosso tempo?

Margarida David Cardoso, jornalista do Fumaça (www.fumaca.pt)

Em 2015, Donald Trump anunciou a candidatura às eleições presidenciais dos EUA, apontando culpas aos imigrantes mexicanos, que “estão a trazer drogas, estão a trazer crime, são violadores”. Solução: um muro, deportações, entraves à entrada no país. Num de vários momentos, reproduzia a fórmula populista de opor o grupo do bem, “nós”, ao do mal, “eles”. Para problemas complexos apresentou constantemente respostas simples. Após a sua eleição, os populistas europeus sentiram-se ainda mais legitimados, fossem poder ou oposição: Matteo Salvini, em Itália; Viktor Orbán, na Hungria; Marine Le Pen, em França; Jarosław Kaczyński, na Polónia; Andrej Babiš, na República Checa; Geert Wilders, nos Países Baixos...

A intolerância e os preconceitos parecem ter voltado a ser legítimos como discurso público. Que discriminações estão os Estados a explorar e a promover como agendas políticas? Serão os populismos uma consequência cíclica do processo democrático? E, quando aí chegados, que tipo Democracia subsiste? Ceder ao que a maioria quer, em detrimento das minorias, é democrático? Quando vários analistas europeus colocam o movimento populista como o mais importante fenómeno político do nosso tempo, as eleições europeias do próximo maio são um dos maiores testes ao projeto de uma União democrática e defensora dos Direitos Humanos. Que Parlamento e Comissão resultarão da próxima votação numa Europa, aparentemente, farta

de representantes do costume? Serão o Euro e as políticas europeias a causa das desigualdades que tornam possíveis as oposições simplistas entre o “povo” e as elites políticas, económicas e culturais que se servem do Estado? Ou será que estamos apenas mais intolerantes num mundo em que a Europa perde poder? Porque se escolhem políticos com retórica nacionalista num mundo cada vez mais globalizado? Os populismos são maus? São todos iguais? Pode-se, afinal, votar num populista sem o ser?

➤ **“De volta ao passado: populismos, nacionalismos, fascismo” é o tema do debate organizado pelo Fumaça, no dia 27 de abril, às 18h30**

A Europa do jeitinho que deveria ser

Edson Athayde, diretor criativo da FCB Lisboa

Há alguns anos, numa visita ao País Basco, apanhei-me a ter um debate com alguns locais sobre o desejo de independência total de Espanha que eles tanto acalentam. Creio que o facto de eu ser brasileiro de origem autorizava-me a ter aquela conversa num tom um pouco mais leve. Eu não era visto como o inimigo, nem sequer vizinho do inimigo.

Claro que não era entre garrafas de cava e muitos pinchos plenos de maionese (como se come maionese em San Sebastián) que o tema seria aprofundado, mas, mesmo assim, desde daquela noite que algumas coisas que ouvi não me saíram da cabeça.

Os bascos diziam sofrer muito por não terem um hino (ou por não o poder cantar em cerimónias oficiais; talvez as duas coisas, o meu entendimento de basco misturado com espanhol é limitado). E também queriam ter uma equipa nacional de futebol para ir ao Mundial. Ainda falaram outras coisas, mas aquelas duas eram sem dúvida as mais importantes naquela mesa. Um hino e uma seleção.

Disse-lhes que achava pouco em troca de sair do espaço comum europeu; que o mundo caminhava para um sistema sem fronteiras, globalizado, que não fazia sentido separar-se de um bloco como a União Europeia e etc. Eles ficaram irredutíveis: queriam um hino e uma equipa de futebol.

Bem, tendo em vista a quantidade de problemas causados por esse desejo de separação, acho que seria mais razoável negociar e conceder-lhes as duas coisas e outras de valor simbólico. O mesmo poderia se passar com a Catalunha. O mesmo à Madeira, se fizerem muita questão.

Acho que a ideia de unir povos poderia perfeitamente harmonizar-se com deixar alguns desses povos exprimirem as suas raízes culturais, étnicas e outras. A Europa poderia dedicar-se a promover a empatia livre, geral e irrestrita e não, como muitas vezes faz, a reprodução de um modelo arcaico qualquer de dominação.

Grande parte da desconfiança dos europeus em relação às entidades de controlo reside na ideia de que alguém, algum país

grande, está a querer passar a sua verdade como única, sem levar em consideração a vivência milenar da nossa região.

É isso: mais empatia, mais informação, mais carinho, mais promoção de valores como o respeito à diferença (e não só a alguns tipos, importantes, mas não únicos, de diferença como as que remetem para género ou outros ativismos modernos).

Menos balanças, fitas métricas, regulações de cores, sabores, aspetos. Menos interferências no pequeno, no assessorio, no particular. Mais autenticidade e compreensão.

Mais empatia e menos referendos. Menos criação de polos radicais, de “eles” contra “nós”. Mais empatia e mais concessões. Mais jogo de cintura, como se diz no Brasil. Mais jeitinho, como se diz em Portugal.

Ou como diria o meu Tio Olavo: “É por falta de jeitinho que a Europa às vezes parece não ter jeito”.

➤ **A FCB Lisboa é a agência de publicidade, que a par da produtora Bro, tornou possível a campanha do Festival Política 2019**

2019
2020
2021
2022
2023
2024
2025
2026
2027
2028
2029
2030

TODOS OS DIAS DO FESTIVAL

“3041,19KM” EXPOSIÇÃO DE PEDRO PIRES

Objetos originais recolhidos na ilha de Lesbos em março de 2016. Um retrato do que se passa diariamente no Mediterrâneo.

“FREE ENTRY” INSTALAÇÃO DE PEDRO PIRES

Obra sujeita ao uso e intervenção dos utilizadores, e sendo uma escultura que se assemelha a uma prisão, propõe ao público questionar a importância e significado de liberdade.

Apoio: Representação da Comissão Europeia em Portugal

“MULHERES SAKHAROV” EXPOSIÇÃO

Histórias inspiradoras de vencedoras dos Prémios Sakharov de Liberdade e de Direitos Humanos do Parlamento Europeu.

Parceria: Gabinete do Parlamento Europeu em Lisboa

25 QUINTA-FEIRA

17H A HISTÓRIA AINDA ESTÁ CONNOSCO E PODE SER CONSTRUÍDA! PERFORMANCE SALA 2

A coreógrafa Sílvia Real apresenta uma performance de dança contemporânea que indaga sobre a temática do racismo.

Colaboração: Arte Total.

Apoio: Câmara Municipal de Lisboa, Voz do Operário, Ministério da Cultura.

18H O 25 DE ABRIL CONTINUA AQUI CONCERTO, PERFORMANCE E DEBATE SALA MANOEL DE OLIVEIRA

Música, discursos e intervenções que não costumam ser ouvidos no 25 de abril – e muito menos ocupar o principal palco da Avenida da Liberdade.

Curadoria: António Brito Guterres.

26 SEXTA-FEIRA

17H PARA ONDE VAI A EUROPA * DEBATE SALA MANOEL DE OLIVEIRA

Cidadãos são convidados a posicionarem-se perante os vários desafios do projeto europeu no palco principal do São Jorge. O debate é com todos e para todos.

18H30 “THE TRIAL: THE STATE OF RUSSIA VS OLEG SENTSOV” DE ASKOLD KUROV CINEMA SALA MANOEL DE OLIVEIRA 75'; m/12

Oleg Sentsov é um realizador de cinema ucraniano, detido em 2014 na Crimeia e condenado a 20 anos de prisão, acusado de planejar atos terroristas contra o domínio russo na Crimeia. A Amnistia Internacional descreveu o processo judicial como um “julgamento injusto perante um tribunal militar”. Em 12 de dezembro de 2018, Oleg Sentsov recebeu do Parlamento Europeu o Prémio Sakharov para a Liberdade de pensamento, em reconhecimento e solidariedade para com a sua luta.

Parceria: Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal

21H30 ISTO SÓ NESTE PAÍS * HUMOR SALA MANOEL DE OLIVEIRA

Hugo van der Ding promete uma viagem sobre o que é ser europeu em vários países da Europa com muito preconceito à mistura: o nosso, o dele e o dos outros.

23H SESSÃO FRONTEIRAS CINEMA SALA 3 m/12

“Haram-Forbidden”, de Mahir Yildiz Áustria, 11'

A história real de um jovem que foi preso por fundamentalistas no seu país por estar a fumar. Depois de fugir para a Europa depara-se num abrigo para refugiados com o homem que o torturou na prisão. Venceu o Austrian Youth Peace Prize.

“The Pianist of Yarmouk” de Vikram Ahluwalia Reino Unido, 13'

A história real de Aeham Ahmad, um pianista de música clássica,

que ficou internacionalmente conhecido quando, em 2014, foi filmado a tocar piano num campo de refugiados. Teve de deixar a sua cidade natal, Yarmouk, onde tocava piano para as crianças em plena guerra. Onde está agora?

“Are you Volleyball”, de Mohammad Bakhshi Irão, 15'

Um grupo de refugiados de um país árabe quer atravessar a fronteira para entrar num país de língua inglesa. Os conflitos com os soldados na fronteira são constantes. Até que um dia, repentinamente, tudo muda. Premiado em festivais nos Estados Unidos, Irão, Itália, Grécia e China.

27 SÁBADO

10H30 AS COSTAS DA CIDADE VISITA

Os moradores da Curraleira e Casal do Pinto mobilizaram-se para criar um percurso que exalta as narrativas e histórias da cidade de Lisboa, desocultando culturas, formas de estar, diferentes modos de viver o presente e o futuro.

Inscrição: festivalpolitica@gmail.com.

Ponto de Encontro: Quiosque da Paiva Couceiro. Organização: Coletivo Costas da Cidade

15H DANÇAS EUROPEIAS WORKSHOP SALA MANOEL DE OLIVEIRA m/6

TRADBALLS – A Cooperativa de Artes e Cultura Tradicionais ensinará as danças tradicionais europeias mais populares. Vamos conhecer as danças de roda, em linha, a par ou em grupo, onde se dá ênfase ao convívio, à diversão e à descontração. Não há limite de idade para dançar e para quebrar fronteiras.

Capacidade: 20 pessoas mediante inscrição via festivalpolitica@gmail.com. A partir dos 6 anos.

15H30 UM CHAT ANALÓGICO SOBRE A INTERNET * DEBATE SALA 2

Como é que a política europeia nos afeta enquanto utilizadores da internet? Como pode moldar a nossa liberdade criativa? Em ano de eleições, olhamos para os tão badalados quanto polémicos Artigos 11 e 13, mas também para

outras questões legisladoras e reguladoras com repercussões digitais.

Organização: Shifter (www.shifter.pt)

16H “CATALUNYA: 1-0” DE XUBAN INTXAUSTI CINEMA SALA 3 Espanha, 40'; m/12

As imagens e testemunhos do que se passou em cinco assembleias de voto do referendo convocado pela Generalitat da Catalunha, a 1 de outubro de 2017. Várias imagens foram recolhidas com telemóveis pelos próprios cidadãos. Quando estreou no canal TV3 da Catalunha, bateu recordes de audiência. Produzido pela Mediapro.

16H30 “TROCAR SEIS POR MEIA DÚZIA” * TALK SALA 2 m/12

Pedro Pires fala sobre a sua identidade enquanto angolano e português, e sobre a sua integração nestes dois países. Usando exemplos da sua obra reflete sobre temas presentes na sua prática artística, tal como migração, fronteiras e identidade deslocada.

17H CARA A CARA COM CANDIDATOS ÀS ELEIÇÕES NO PARLAMENTO EUROPEU * SALA 2

Encontro entre os cidadãos e candidatos às eleições ao Parlamento Europeu. Durante cinco minutos, os participantes inscritos conversam individualmente com os candidatos, apresentando questões e contributos.

Capacidade de 20 pessoas mediante inscrição: festivalpolitica@gmail.com

17H30 SESSÃO TODOS EUROPEUS CINEMA SALA 3

“The Shape”, de Jaco Van Dormael Bélgica, 4'

#EUandME
Quando uma chuva negra ameaça uma pequena cidade, uma rapariga decide não se calar e utilizar a força das palavras e da poesia contra a escuridão opressora.

“Magister”, de Kikian Huet França, 6'

A história de Edward, um jovem treinado para substituir o presidente totalitário de uma nação. Se numa primeira fase expressa admiração, depois descobre o lado negro desse privilégio.

“Welcome to the New World”, de Anni Sultany e Jerry Suen

Alemanha, 11'

Relato ficcional baseado em eventos reais e filmado durante o encontro G20 em Hamburgo em 2017. Conta a história de Lenina, cuja realidade muda repentinamente quando se vê confrontada com questões de poder e legitimização de violência. O grupo Great 20, que era suposto proteger a humanidade, começa a reprimi-la. Premiado no Bristol Radical Film Festival.

“Mohamed, The First Name” de Malika Zaïri

França, 15'

Mohamed é o nome próprio mais popular do mundo. No entanto, é um fardo no mundo ocidental como explica Mohamed, um menino de 10 anos, através de experiências da sua vida em França.

“Cristian”, de Luís Baldaque

Portugal, 26'

Retrata a vida de um homem de nacionalidade romena, ex-toxicod dependente e ex-sem-abrigo. Christian Georgescu nasceu em 1978 na Roménia e foi no Porto que renasceu. É nesta cidade que reescreve a sua história como ativista e educador de pares. O carisma que o caracteriza une-se à determinação de querer trazer a mudança à vida daqueles que hoje passam por muito daquilo que foi o seu passado. O documentário aborda as diferentes fases da sua vida, assim como o seu renascer das cinzas.

“La Clé”, de Valerie Mueller e Angelin Preljocaj

França, 5'51

#EUandME
Num edifício em construção, várias pessoas de diferentes culturas trabalham em conjunto. Quando uma inspetora de obras chega para fazer um controlo, é preciso encontrar uma chave para que a inspeção se possa fazer.

18H30 DE VOLTA AO PASSADO: POPULISMOS, NACIONALISMOS, FASCISMOS *

DEBATE
SALA 2

Que intolerâncias e preconceitos os Estados estão a explorar e a promover como agendas políticas? É mau ser populista? Ceder ao que a maioria quer, em detrimento das minorias, é democrático? Serão o euro, a ação da UE e as políticas que privilegiam o capital a causa das desigualdades e do mal-estar das populações? Ou será que estamos só mais intolerantes e amedrontados num mundo em que a Europa tem menos poder? Terá o projeto europeu morrido? Porque escolhemos políticos que defendem um regresso aos nacionalismos num mundo cada vez mais ligado e globalizado? Caminhamos para tempos que

fazem lembrar o que passou antes das Grandes Guerras do século passado?

Organização: Fumaça (www.fumaca.pt)

Com tradução em língua gestual portuguesa.

21H30 “ÚTERO”, POR AURORA PINHO

CONCERTO
SALA MANOEL DE OLIVEIRA

Útero é um universo em plena mutação que – na forma de seres com cabeças de lobos e o renascimento da fénix – se sucedem na génese do universo, apresentando a ideia sonora “olho de peixe”.

22H SESSÃO LGBTI CINEMA

SALA MANOEL DE OLIVEIRA
m/16

“I’m Sorry”, de Lovisa Lara

Islândia, 16'

Toda a gente pensa que Addy tem uma relação perfeita com a sua namorada Salka. Mas quando Addy testemunha a ajuda de uma amiga a uma vítima de abuso no namoro é que percebe que tem de olhar para os termos da sua própria relação. Eleita melhor curta nos Independent Shorts Awards (EUA) e no Changing Face International Film Festival (Austrália).

“Aurora”, de Carlota Flor

Portugal, 12'

Aurora é uma jovem artista. Nasceu numa pequena vila do Norte, pertencente a Santa Maria da Feira. Desde cedo se apaixonou pela dança e pela moda. Hoje vive em Lisboa onde persegue o sonho de ter sucesso no mundo da arte performativa. Entre ensaios e espetáculos, luta por mostrar o seu trabalho e quebrar preconceitos com as suas criações. Uma viagem pela sua arte e pela luta que é ser uma artista em transição. Flávio é o seu nome de batismo e Aurora o nome que escolheu para o renascimento.

“Queer Lives Matter – How LGBT-Activists Change The World”, de Markus Kowalski

Alemanha, 30'

Esta é uma viagem conduzida pelo jornalista Markus Kowalski ao encontro de jovens ativistas à volta do mundo que lutam pelos direitos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais em nome da igualdade e aceitação. Testemunhos recolhidos na Alemanha, Grécia, Turquia, Marrocos, África do Sul e Índia. Eleito Melhor Filme LGBT do Festival de Cinema Independente de Berlim 2019.

23H15 SESSÃO CORPOS POLÍTICOS

CINEMA
SALA 3
m/18

“Company B”, de Tess Motherway

Irlanda, 5'

A Company B trabalha a dança contemporânea junto de rapazes jovens, num país onde estes têm sido uma minoria na dança. Pretendem criar um espaço seguro para que os rapazes possam expressar-se pelo movimento e dança. Neste documentário falam dos desafios que enfrentam, enquanto rapazes que dançam, revelam os obstáculos, o que sentem e porque adoram dançar.

“The Grey Area”, de Katie Clark

Reino Unido, 4'

A realizadora usa animação 2D e a dobragem para abordar uma experiência pessoal de assédio sexual. É desta forma que coloca questões a si e à audiência sobre o que aconteceu naquela noite.

“9023”, de Sotiris Petridis e Tania Nanavraki

Grécia, 7'

Nesta alegoria à crise económica que vivemos, a história conduz-nos por um mundo onde, em resposta à fome generalizada, o governo permite que os cidadãos não produtivos possam ser comidos.

“The Guest”, de Mahmut Duyan

Turquia, 10'

Miriam emigrou da Síria enquanto refugiada e foi forçada a viver uma vida de prostituição na Turquia para sobreviver.

“Prisoner of Society”, de Rati Tsiteladze

Geórgia, 15'

Esta é uma viagem íntima ao mundo e cabeça de uma mulher transexual, prisioneira entre o seu desejo de liberdade e as expectativas dos seus pais e da sociedade onde se insere. Foi o primeiro documentário georgiano a ser nomeado para os European Film Academy Awards.

28 DOMINGO

10H30 ASSEMBLEIA DE BAIRRO NO PORTUGAL NOVO VISITA

Qual a sua história do Bairro do Portugal Novo e quais as reivindicações das populações?

Ponto de encontro: Porta Principal do Centro Comercial das Olaias. Inscrições: festivalpolitica@gmail.com. Organização: Associação de Moradores do Bairro Portugal Novo – Paz, Amizade e Cores.

15H30 DESCOBRIR A EUROPA *

WORKSHOP INFANTIL
SALA 2
m/6

Conhecer a História da Europa e das suas instituições de uma forma divertida. Dos 6 aos 10 anos. Apresentado por Espaço Europa.

Parceria: Serviço de Informação da Representação da Comissão Europeia e do Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal.

Capacidade para 15 crianças mediante inscrição via festivalpolitica@gmail.com

15H30 O JOGO DA DEMOCRACIA EUROPEIA *

WORKSHOP
SALA MANOEL DE OLIVEIRA
Com Margarida Silva, do Corporate Europe Observatory

Bruxelas é hoje a segunda capital mundial do lóbi. Estimativas apontam para mais de 30 mil pessoas que tentam influenciar a Comissão, Parlamento e Conselho, e grande maioria representa interesses empresariais. Nesta sessão vamos explorar o poder das multinacionais na política europeia, comparando-o com o poder do cidadão comum através de um jogo. Exploraremos o que é o lóbi, as estratégias usadas e acima de tudo como combater a captura do processo político da UE pelas grandes empresas.

15H30 SESSÃO FRONTEIRAS CINEMA

SALA 3
m/12

“Haram- Forbidden”, de Mahir Yildiz

Áustria, 11'

“The Pianist of Yarmouk”, de Vikram Ahluwalia

Reino Unido, 13'

“Are you Volleyball”, de Mohammad Bakhshi

Irão, 15'

16H30 AS ESTRATÉGIAS DIGITAIS COMO FATORES DE DECISÃO DE VOTO: AMEAÇA À DEMOCRACIA OU ESTÍMULO À PARTICIPAÇÃO POLÍTICA? *

TALK
SALA 2

Com Sérgio Denicoli, investigador da Universidade do Minho e sócio-diretor da AP Exata Digital influencers, monitorização de redes, análise de big data, machine learning. O crescimento do peso dos sistemas tecnológicos sobre o andamento do debate político e o rompimento

das narrativas hierárquicas da imprensa sobre os processos democráticos têm colocado em causa a legitimidade dos sufrágios eleitorais. Processos de difusão de fake news e doutrinação política, por meio de militância digital, deixam a verticalização da difusão de informações propiciada pela Internet sob suspeita.

16H30 SESSÃO CORPOS POLÍTICOS CINEMA

SALA 3
m/18

“Company B”, de Tess Motherway

Irlanda, 5'

“The Grey Area”, de Katie Clark

Reino Unido, 4'

“9023”, de Sotiris Petridis e Tania Nanavraki

Grécia, 7'

“The Guest”, de Mahmut Duyan

Turquia, 10'

“Prisoner of Society”, de Rati Tsiteladze

Geórgia, 15'

17H30 AJUDAR A TRANSFORMAR A EUROPA DEBATE E WORKSHOP

SALA 2

Encontro entre os cidadãos e ativistas que querem ter impacto no projeto europeu. Os seus projetos, ideias, iniciativas e até livros que querem ajudar a transformar a Europa.

18H “SARA”, DE EVA CRUELLES LOPEZ CINEMA

SALA MANOEL DE OLIVEIRA
Espanha, 66'; m/12

Sara é uma jovem cigana do Bairro La Mina de Barcelona que decide centrar um trabalho de investigação da escola secundária na origem da perseguição e da repressão da população cigana, nomeadamente durante a guerra civil e o franquismo. O que descobre muda profundamente a sua visão do mundo e cria-lhe uma consciência da necessidade de transformar as estruturas ancestrais que condenam os ciganos como um povo. Eleito Melhor Documentário pelo Consejo Audiovisual de Cataluña.

* Com tradução para Língua Gestual Portuguesa

É hora de mudar a Europa?

O projeto europeu é uma ideia ambiciosa que, embora tenha vindo a concretizar a função de garante de paz, fica aquém das expectativas. O pilar económico pode ser considerado o mais bem-sucedido, mas a troca de políticas neoliberais que mantêm a lógica de dependência, beneficiando os já por si mais poderosos, constituindo-se como protagonista da ação e fazendo descurar o aspeto social, para dentro e para fora: circulamos livremente entre fronteiras nas quais não encontramos igualdade e externamente, contribuimos para uma Europa-fortaleza que se desresponsabiliza dos problemas que ajuda a criar. No entanto, a UE é atualmente a única hipótese de caminho para a paz, mas com uma urgência da necessidade de mudança estrutural que seja capaz de travar a reprodução de desequilíbrios enquanto forma de sobrevivência.

Inês Colaço

Estuda Relações Internacionais no ISCSP. Colabora com a Associação UWC Portugal e o Erasmus+

A União Europeia é um projeto sem precedentes, onde os Estados-membros usam a sua soberania como moeda de troca em prol do “desenvolvimento” económico e da defesa dos seus interesses. Enquanto projeto político, por um lado, encanta-me por trazer paz num continente tradicionalmente bélico, por outro desencanta-me por esta dita paz parecer ter sido pensada apenas para os europeus dentro da Europa.

Marcelo Yamada

Estudante de Relações Internacionais. Colabora com a Academia Cidadã, assistente da cátedra UNESCO para a Paz Global e Sustentável

A minha proposta para o projeto europeu é que seja eticamente mais ambicioso. Que solidifique o seu carácter através do cumprimento dos seus valores humanos de base, evitando cair em hipocrisias. Uma Europa que não tenha preferidos e submetidos, que preze pela participação cívica e que, nos seus valores, encontre a fórmula para a sua capacidade de mediação de conflitos – uma Europa transparente, que integre todos os seus membros de forma igual.

Catarina Fernandes

Licenciada em Sociologia e estudante de pós-graduação em Educação para a Paz Global e Sustentável

A UE deveria ter melhores políticas em relação à crise dos refugiados e ambiente. No primeiro caso é necessário melhores mecanismos de ação para integrar e acompanhar os refugiados. Em relação ao ambiente, penso que deveriam ser criadas mais e melhores políticas de apoios à adoção de medidas mais ecológicas, por parte das pessoas e dos próprios organismos dos Estados que a integram.

Jéssica Aleixo

Estudante da licenciatura de Estudos Africanos. Tem como principais preocupações questões ambientais e humanitárias

A Europa passou, em 70 anos, de ideia a plano, mas ainda é dificilmente identidade. A União Europeia esforça-se por investir no europeísmo, mas falha no apelo às gerações. Os mais velhos procuram um conforto material do passado e os mais novos anseiam por maior mudança social. A União divide-se em dois rumos e maio é altura de decidir prioridades.

Vicente Alves

Estudante de Ciência Política e Relações Internacionais, ativista e dirigente associativo

O projeto europeu deu-nos a estabilidade e o espaço necessário para crescermos como cidadãos do mundo, embora com algumas falhas e desigualdades. É então nosso dever como europeus sermos proativos e conscientes quanto às decisões tomadas, para que estas não sejam decididas somente para nós, mas principalmente, por nós. Só desta forma continuaremos a usufruir desta realidade e torná-la acessível para outros jovens como nós.

Sofia Canteiro

Estuda Relações Internacionais. Integra o Núcleo Académico para a Proteção Ambiental e tem participado em projetos de promoção dos Direitos Humanos e interculturalidade

A UE, apesar das falhas que tem nas suas políticas de solidariedade e na promoção da identidade europeia, assim como a sua pobre resposta às recentes crises migratórias, continua a ser um modelo que inspira várias organizações de integração devido à sua singularidade e a sua afirmação como ator global, principalmente no campo económico e democrático.

Saliu Djau

Natural da Guiné-Bissau. Licenciado em Relações Internacionais e estudante de pós-graduação em Crise e Ação Humanitária

66,2%

é taxa de abstenção nacional nas eleições europeias de 2014

30.000

é o número de lobistas a trabalhar em Bruxelas, apoiando os interesses das grandes multinacionais e associações empresariais.

Margarida Silva trabalha na Corporate Europe Observatory, em Bruxelas, onde documenta atividades de lóbi empresarial na UE. Vai dinamizar o workshop “O Jogo da Democracia Europeia” (28 de abril, 15h30). O Corporate Europe Observatory publicou o “Planeta de Lobbies”, que pretende funcionar como um guia turístico dedicado aos grandes atores, táticas e consequências do lóbi nas políticas da UE. O guia está disponível aqui: <https://corporateeurope.org/lobbyplanet>

➤ O Festival Política conta com um grupo de jovens embaixadores que colabora na definição do programa e na divulgação do evento junto das universidades, associações e redes sociais. São estes (alguns) dos seus contributos para o debate europeu

Primeira Academia Festival Política

A ideia resulta da sugestão apresentada no ano passado por estudantes: sistematizar os debates, workshops e talks de forma a que possam constituir uma formação sobre o tema central do Festival Política. Em 2019 damos esse passo criando a Academia Festival Política (AFP). Em termos práticos, quem assistir aos debates, workshops e talks poderá ter acesso à declaração de participação, que poderá ser levantada no balcão de informações ou pedida via e-mail. A AFP quer promover atividades de formação e de partilha de conhecimento. Adota prioritariamente modelos não formais para promover conhecimentos

sobre temáticas relevantes. Este ano preparamos sete debates, workshops e talks que decorrem nos dias 27 e 28 de abril no Cinema São Jorge. A dinamizar a programação estão ativistas, investigadores, organizações e coletivos que prometem criar um ambiente de reflexão sobre a Europa, a transparência, os direitos humanos, a cidadania, a democracia, a arte comprometida, as fake news e as redes sociais. A participação nas atividades é gratuita.

➤ Pode pedir a declaração de participação no balcão de informações do Festival Política ou então solicitar via e-mail

Todas as vidas são importantes

Markus Kowalski

Durante a pesquisa para um artigo sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo em Atenas, conheci o ativista queer George Kounanis. O seu entusiasmo, calor e determinação impressionaram-me. Ele tinha aproximadamente a minha idade e tinha feito campanhas pelo país a promover a igualdade de direitos. Foi intimidado por conservadores, por políticos de extrema-direita e por pessoas na rua, mas continuou o seu trabalho porque sabia que estava certo. Achei que a sua história poderia ser semelhante à dos jovens de outros países e que o movimento LGBT global precisava de um filme para contar sua história.

Até o momento, metade da população mundial vive em países onde a homossexualidade é criminalizada. Muitas pessoas desconhecem a dimensão do sofrimento e da opressão social e do Estado que muitas pessoas queer sofrem. Muitos deles tornaram-se ativistas e lutam por direitos iguais. Desde que escrevi um blogue sobre homofobia no meu país, que me senti ligado a outros ativistas LGBT, porque percebi o quão semelhantes são nossas experiências. Eu sabia que tinha que contar as suas histórias.

Fui inspirado por documentários como o "Project A" (2016), que mostrou projetos anarquistas criativos na Europa, ou a série de documentários "Out There" (2013), onde Stephen Fry

se encontrou com os políticos mais homofóbicos do mundo para desafiá-los. Queria mostrar jovens ativistas corajosos de países subrepresentados em termos de ativismo LGBT. Durante a produção, percebi que todas as pessoas que conheci não eram apenas corajosas e determinadas, mas também vulneráveis e inseguras.

O título do filme "Queer Lives Matter" relembra que vários grupos da sociedade enfrentam discriminação. Nos últimos anos, os norte-americanos começaram a exigir o fim da violência e da discriminação contra os negros. Depois, Black Lives Matter tornou-se num movimento global contra o racismo. Da mesma forma, hoje o ativismo LGBTQ é um movimento que exige aceitação, segurança e justiça para as pessoas queer em todo o mundo. Com o título do filme, quero enfatizar as semelhanças de ambos os grupos e suas lutas.

Os movimentos políticos precisam de solidariedade e apoio mútuos para atingir seus objetivos. Portanto, quero dar ao público uma compreensão da luta LGBT dentro do meu filme. Além disso, espero que inspire as pessoas a se tornarem politicamente ativas por seus direitos.

➤ Markus Kowalski é o realizador do documentário "Queer Lives Matter - How LGBT-Activists Change The World". O filme integra a sessão LGBTI de 27 de abril, às 22h. Às 21h30, na mesma sala, Aurora Pinho sobe ao palco

Pedro Pires



A secção artística do Festival Política 2019 está a cargo de Pedro Pires que irá apresentar no São Jorge "3041,19KM" e "Free Entry", que serão uma oportunidade para refletir sobre as questões das migrações, circulação no espaço europeu e fronteiras.

Pedro Pires é um artista plástico que explora o seu posicionamento enquanto nacional angolano (nasceu em Luanda) e português (cresceu em Lisboa), questionando a sua identidade e afinidade com cada uma destas realidades. Através da sua experiência pessoal desenvolve uma pesquisa centrada em problemáticas sociais contemporâneas tais como migração, educação ou igualdade.

Trabalha em escultura, desenho, fotografia e vídeo, utilizando diversos materiais e objetos do dia a dia, muitas vezes encontrados, pertencentes a contextos específicos e com fortes simbolismos.

Em 2016 fez voluntariado na ilha de Lesbos, ajudando barcos com migrantes/refugiados a desembarcar nesta ilha grega, onde também recolheu objetos que retratavam a passagem destas pessoas na sua chegada à Europa (coletes salva vidas, cobertores

de emergência dourados, pedaços de barcos de borracha, etc.).

Obteve o mestrado em Visual Arts na Central Saint Martins College of Art and Design (Londres, 2009) e a licenciatura em Escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa (Lisboa, 2004).

Participou em exposições e projetos, dos quais se podem destacar: a exposição individual "Six of one and half a dozen of the other" na Gallery MOMO (Cidade do Cabo, 2019), feira de arte Artissima com a galeria TINAWC (Turim, 2018), feira de arte ExpoChicago com a Gallery MOMO (Chicago, 2018); a escultura "14.000 Newtons" no festival de escultura Poldra (Viseu, 2018), Bienal de Escultura de Lorne (Austrália, 2018); feira de arte 1:54 com a Gallery MOMO (Londres 2017) e a residência artística na Delfina Foundation (Londres 2017). Presentemente é representado pela Gallery MOMO (África do Sul) e pela TINAWC (Angola).

➤ A exposição e a instalação podem ser vistas no foyer. A 27 de abril, às 16h30, Pedro Pires irá "Trocar seis por meia dúzia", na sala 2

#EUandME: Como é que a União Europeia apoia as paixões dos jovens

Muitos jovens desconhecem o contributo da União Europeia (UE) para a sua vida quotidiana. Para colmatar este défice de conhecimento, a Comissão Europeia lançou a #EUandME.

O objetivo é tornar a Europa mais acessível aos millennials, levando-os a descobrir todas as concretizações da UE que tornam a vida quotidiana mais segura, mais fácil e mais próspera. A #EUandME procura estabelecer um diálogo com os jovens sobre as vantagens e o futuro da UE.

O apoio da UE pode assumir diversas formas: és um aventureiro que sonha em ajudar crianças na Roménia ou um amante da cultura que quer estudar francês em Paris? És um empreendedor em busca de apoio para o lançamento de uma nova app ou, simplesmente, alguém que procura uma ligação wi-fi gratuita para continuar a ver os episódios da sua série favorita? Independentemente da paixão de cada um, a #EUandME ajuda a compreender o papel desempenhado pela UE para te ajudar a

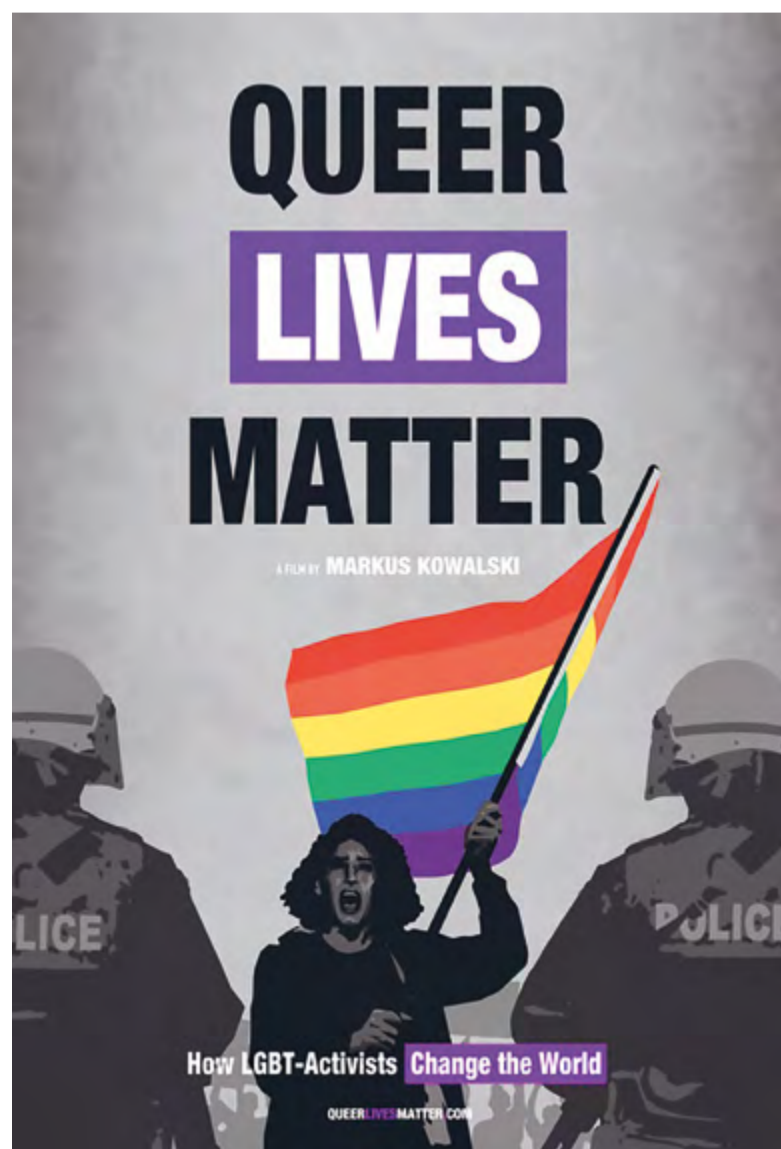
fazer aquilo que mais gostas.

Através de um conjunto de histórias inspiradoras, informações úteis e factos interessantes, a #EUandME propõe uma viagem de descoberta, demonstrando o valor tangível da UE. Oferece informação clara sobre o contributo da UE para a tua vida, tal como garantir a ligação à Internet em casa, utilizar serviços de cuidados de saúde públicos quando viajas e o direito a viver numa sociedade que protege os animais e o ambiente para as gerações futuras.

Além disso, a #EUandME apresenta sete filmes que revelam as histórias de diferentes europeus à medida que desenvolvem o seu potencial com o apoio da União Europeia. Desde um casal de irmãos que convidam o resto da Europa para a sua vila até ao bailarino que lança o seu próprio negócio no local mais improvável. São histórias de pessoas que conseguiram feitos extraordinários por serem cidadãos da UE.



➤ Os vários apoios europeus aos jovens podem ser vistos no site <https://europa.eu/euandme/>. O festival irá estreiar em sala de cinema duas curtas #EuandMe



Guia 2019

Atenção crianças!

A Festival Política inclui na sua programação vários momentos adequados ou pensados para o público mais novo. Logo a abrir a programação haverá um momento que aconselhamos para todas as famílias: “A História ainda está connosco e pode ser construída!”, em que crianças e adolescentes, no dia 25 de abril, apresentam uma performance sobre racismo.

A 27 de abril é a vez do workshop de danças europeias aberto a todas as idades e no dia seguinte haverá um workshop infantil dedicado à Europa.

3 agitadores

António Brito Guterres

Tem uma vasta experiência nas áreas de desenvolvimento comunitário, território e cidades. No ano passado António Brito Guterres foi o responsável por “A Cidade Invisível” que levou para o palco da sala 2 o debate sobre Lisboa, mostrando uma cidade multicultural, mas que é também alvo de segregação. Desta vez, no fim de tarde do 25 de abril, o objetivo é ocupar o palco principal do São Jorge com protagonistas, ativistas e músicos que não costumam ser ouvidos no Dia da Liberdade.



Aurora Pinho

“O pessoal é político na prática artística pluridisciplinar de Aurora Pinho. Com vários projetos na agenda, este ano não passará despercebida”, escreveu o jornal Público. Aurora Pinho é artista e música. Desenvolveu “Utero”, “Heteroptera”, “Aurora de Areia” e “Rave in a Cave”. Está a desenvolver a performance “Nymphomaniac”, a estrear em setembro. Trabalhou com vários artistas e grupos, como Teatro Praga, João Pedro Vale, Filipe Sambado, Vaiapraia, António Onio, Cyril Viallon, Odete, Né Barros, Marco da Silva Ferreira, Moulinex, Joclécio Azevedo, entre outros. Em 2013 concluiu o curso em dança contemporânea no Balletatro (Porto). Em paralelo, trabalha como modelo. Atua a 27 de abril, às 21h30.

Hugo van der Ding

Vive em Lisboa e talvez tenha nascido em Amesterdão. É escritor, tradutor, humorista, cartoonista, apresentador do Canal Q, colaborador da revista Sábado. É um fenómeno nas redes sociais, desdobrando-se entre A Criada Malcriada, Cavaca para Presidenta, BitchPlease, Verónica, a Mulher Divorciada, Celeste da Encarnação, Velha mas Moderna ou Dates from Hell. Ao fim de três edições, o Festival Política terá pela primeira vez um momento de humor na sala principal do São Jorge: “Isto só neste país”. Dia 26 de abril, às 21h30.

Atividades com inscrição

Todos os eventos do festival são de acesso gratuito, sendo necessário levantar bilhete para os espetáculos e sessões de cinema. Há outras atividades em que, por terem número limitado de participantes, pedimos que façam inscrição prévia através do e-mail festivalpolitica@gmail.com, de forma a garantir lugar. São estas as cinco atividades que necessitam de inscrição:

- As costas da Cidade – visita guiada (27 abril, 10h30. Ponto de Encontro: Quiosque da Paiva Couceiro);
- Tradballs – workshop de danças europeias (27 abril, 15h);
- Cara a cara com candidatos às eleições no Parlamento Europeu (27 de abril, 17h);
- Bairro Portugal Novo – visita (28 abril, 10h30). Ponto de encontro: Porta Principal do Centro Comercial das Olaias;
- Descobrir a Europa – workshop infantil (28 abril, 15h30).

Língua gestual portuguesa

Os debates, conversas e workshops contam com tradução para língua gestual portuguesa, que é uma das línguas oficiais reconhecidas na Constituição da República.

Ajude-nos a divulgar o Festival Política junto da comunidade surda, dos seus familiares, educadores, professores e técnicos.

5 realizadores para descobrir

Carlota Flor (1995) dedicou-se ao ensino artístico desde muito cedo, explorando a dança e o audiovisual. Estudou na Escola Artística de Soares dos Reis, na London College of Communication e na Escola Superior de Artes e Design nas Caldas da Rainha. “Aurora” que integra a Sessão LGBTI resulta de um trabalho de fim de curso. Agora encontra-se a trabalhar na área de vídeo na empresa Clavel’s Kitchen.

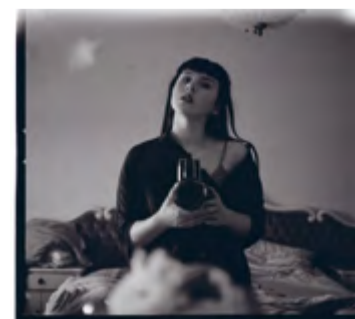


A catalã **Eva Cruells** é realizadora, investigadora e mediativista. Tem desenvolvido vários projetos multimédia relacionados com a promoção da auto-representação e empoderamento das mulheres e de minorias. Começou por explorar vários formatos até que a partir de 2007 se interessou pelo registo cinematográfico. “Sara”, o filme que encerra o festival, foi produzido pela associação Voces Gitanas que queria denunciar a perseguição e racismo que os ciganos sofreram ao longo da História.

Luis Baldaque (1991) vive no Porto. Entrou para a universidade para o curso de Psicoterapia, mas acabou por preferir transferir-se para Som e Imagem. Concluiu o curso da Universidade Católica em 2018. A sua primeira experiência como realizador é o documentário “Cristian”. O filme passa na Sessão Corpos Políticos.

Mohammad Bakhshi (1987) terminou o bacharelato em Cinema pela Universidade de Teerão e um master em Teatro pela Universidade de Azad. É considerado um dos jovens realizadores iranianos com maior potencial. Já soma mais de 120 prémios de festivais nacionais e internacionais. “Are You Volleyball”, um filme que facilmente conquista o público, somou distinções em festivais de cinema. Será exibido na Sessão Fronteiras.

Rati Tseladze (1987) nasceu na Geórgia, estudou Cinema em Los Angeles, Locarno e Berlim. Aos 21 anos ganhou o título de campeão do mundo em artes marciais, mas é no cinema que tem dado cartas. Os seus filmes já passaram em mais de 300 festivais. O documentário “Prisoner of Society”, que será apresentado na Sessão Corpos Políticos, foi qualificado para concorrer aos Óscares e foi o primeiro do seu país a conseguir disputar a categoria de documentário dos European Film Academy Award.



Conceito

Associação
Isonomia

Produção

EGEAC



Media Partner



Parceiros



Apoio

